

BOAS PRÁTICAS

O perigo de publicar em revistas predatórias

Existem publicações acadêmicas, apelidadas de revistas predatórias, que são conhecidas por divulgar *papers* sem submetê-los a uma genuína revisão por pares – basta pagar para ver o artigo publicado. O pesquisador Alexander Martin, do Colégio de Engenharia da Universidade de Kentucky, nos Estados Unidos, mostrou que o espectro de problemas causados por essas revistas pode ser mais sério do que se imaginava.

Martin selecionou revistas de uma lista de mais de mil periódicos, provavelmente predatórios, que é atualizada por pesquisadores da Universidade do Colorado. A meta do pesquisador era submeter aos editores dessas revistas *papers* que, em condições normais, jamais seriam aceitos para publicação – e ver qual seria a reação deles. A primeira tentativa se deu com uma revista *on-line* chamada *International Journal of Comprehensive Research in Biological Sciences*, sediada na Índia. Martin enviou um manuscrito de 153 palavras cujo conteúdo fora copiado de um trabalho de escola feito por seu filho Tristan, de 7 anos, sobre morcegos. O texto reproduzia frases escritas pelo garoto, como “morcegos são animais muito legais” ou “dormem durante o dia e voam à noite”. A revista logo enviou um e-mail pedindo para os autores acrescentarem pelo menos cinco referências. Martin atendeu o pedido. Um novo e-mail informou que o artigo havia sido preliminarmente aceito para publicação. Em anexo, vinha a cobrança de uma taxa de US\$ 60.

“Esperava que algumas revistas aceitassem esse tipo de artigo, considerando experiências anteriores, mas isso aconteceu já na primeira tentativa”, disse

Martin ao site Retraction Watch, referindo-se a casos como a publicação de artigos falsos e sem sentido produzidos por um programa de computador (ver Pesquisa FAPESP nº 219).

Martin não pagou a taxa. Semanas depois, recebeu um segundo e-mail do editor, cobrando novamente os US\$ 60 e apresentando uma nova versão do texto, essa já revisada e pronta para publicação. O manuscrito havia sido completamente reescrito em um linguajar científico – só o título e os autores permaneceram. Sua primeira impressão foi boa, mas logo ele descobriu que havia algo errado: o artigo tornara-se uma colagem de trechos plagiados de dois outros *papers*, numa fraude praticada pelos próprios editores da revista. “Fiquei chocado ao imaginar que alguém pudesse fazer uma coisa dessas”, disse. “Essas revistas têm um impacto muito negativo na comunidade científica e todos

precisam estar conscientes disso.” A revista indiana deixou de existir – seu site saiu do ar em janeiro. Martin registrou as lições tiradas do episódio num artigo publicado na revista *Learned Publishing*.

ARTIGO CIENTÍFICO

Martin, A. *et al.* A not-so-harmless experiment in predatory open access publishing. *Learned Publishing*, v. 29, n. 4, p. 301-05, out. 2016.

Reações distintas

Duas indústrias farmacêuticas tiveram reações diferentes ao lidar com casos recentes de má conduta envolvendo seus pesquisadores. A Pfizer demitiu Min-Jean Yin, pesquisadora sênior desde 2003 que trabalhava no desenvolvimento de medicamentos contra o câncer no laboratório da empresa em La Jolla, na Califórnia. A companhia também tomou a iniciativa de solicitar a retratação de seis artigos assinados por Yin. Os *papers* traziam imagens manipuladas e se relacionavam com pesquisas sobre inibidores de enzimas feitas na Pfizer. Já a alemã Boehringer Ingelheim manteve em

seus quadros a bióloga Tina Wenz, mesmo depois de uma investigação feita pela Universidade de Colônia, na Alemanha, onde ela trabalhou como pesquisadora, constatar manipulação de dados em seis artigos de sua autoria – um deles já sofreu retratação. Tina Wenz foi contratada como pesquisadora do laboratório da Boehringer Ingelheim em Biberach, no sul da Alemanha, no final de 2015, quando as suspeitas de má conduta já estavam sendo investigadas. Ao blog For Better Science, a empresa argumentou que as acusações não têm conexão com o trabalho que Tina está fazendo atualmente.

